

Burle Marx

Muito além de um paisagista

por Orlando Santos



Obras importantes

Praça de Casa Forte, Recife (1935)

Parque da Pampulha, Belo Horizonte (1942)

Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro (1961)

Parque do Ibirapuera, São Paulo (1954)

Parque Del Este, Caracas (1956)

Eixo Monumental, Brasília (1961)

Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro (1976)

Calçada da Av. Atlântica, Rio de Janeiro (1977)

Parque Mangabeiras, Belo Horizonte (1980)

Teatro José de Alencar, Fortaleza (1973)

Jardins internos da Unesco, Paris (1963)

Jardins da OEA, Washington (1979)

Após três quartos do badalado circuito dos centros culturais do Banco do Brasil, Correios e da Casa França-Brasil, o Paço Imperial, no Centro do Rio, na Praça XV, rivaliza com seus congêneres, promovendo, com a mesma competência, eventos de alta envergadura no calendário anual da cidade.

O mais recente é a megaexposição *Burle Marx 100 Anos. A Permanência do Instável*, em celebração ao centenário de nascimento do paisagista, pintor, criador, Roberto Burle Marx, que vai ocupar, até março de 2009, todos os espaços da bela e histórica construção, antiga sede do governo português na época do Brasil Colônia – e que até hoje não perdeu sua majestade. A mostra fecha a trilogia sobre nosso modernismo, iniciada em 2002 com a exposição *Lúcio Costa: 100 Anos*, e em 2007 com *Oscar Niemeyer 10/100*.

Se vivo fosse, certamente Burle Marx gostaria de ver a sua produção artística (pintura, desenho, gravuras, tecido, tapeçaria, cerâmica, jóias, muranos e projetos paisagísticos) reunida e apresentada com tanta delicadeza, obedecendo a critérios iconográficos.

A proposta do curador da mostra e diretor do Paço, Lauro Cavalcanti, foi a de fazer um mapeamento da múltipla produção artística de Burle Marx, considerado um dos maiores paisagistas do século XX e criador da linguagem moderna do paisagismo no mundo.

Artista do mundo

A exposição no Paço dá início às comemorações do centenário desse paisagista paulistano que adotou o Rio de Janeiro, a ser comemorado em agosto de 2009, e revela facetas até então pouco valorizadas do artista, como a sua produção de pinturas – na realidade, a primeira vinculação de Burle Marx com a arte.

Ao todo, serão expostos 335 itens, entre os quais 80 pinturas em tela; 95 guaches sobre papel; 30 guaches de cenários e figurinos

para o balé *Petrouchka* (SP, 1954) e *Ariadne Aux Naxos* (RJ, 1988); *O retrato de Dorian Gray* e a decoração de carnaval; três tapeçarias; cinco muranos; 34 projetos paisagísticos.

Burle Marx é autor de mais de três mil projetos de paisagismo em 20 países, além de pintor e *designer* de jóias, ceramista, tapeceiro, autor de cenários e figurinos para teatro e óperas, músico e ecologista desde os anos 1970.

Mesmo depois de se tornar um grande paisagista – o primeiro a valorizar a flora brasileira –, criando espaços maravilhosos no país e no exterior, Burle Marx nunca deixou de dar as suas pinceladas. E, de acordo com seu herdeiro, Haruyoshi Ono, diretor do escritório Burle Marx & Cia, e amigo do paisagista desde os anos 60, sua grande frustração foi não ter sido reconhecido como pintor.

O curador da exposição, Lauro Cavalcanti, vai mais longe: Burle Marx era uma pessoa poliédrica, como aqueles artistas completos do século XIX. A exposição no Paço procura deixar essa impressão no visitante.

O artista e sua obra

Roberto Burle Marx era autodidata em paisagismo. Estudara pintura na Escola Nacional de



Sem título (última obra de RBM), 1993
Acrílica sobre tela, 77 x 67 cm
Coleção Escritório Burle Marx & Cia. Ltda
Foto: Cesar Barreto

Roteiro em três cenários

NO TÉRREO DO PAÇO IMPERIAL reproduz-se um jardim projetado por Burle Marx para uma área interna do Museu Nacional de Belas Artes (RJ), adaptado aqui por Isabela e Haruyoshi Ono.

No primeiro pavimento estão as pinturas, obras em papel, jóias, muranos, em ordem cronológica inversa. As duas primeiras salas abrigam a produção dos anos 90, 80 e 70; seguidas da das décadas de 60 e 50 e, na quarta galeria, os anos 40 e 30. Duas outras salas exibem obras sobre papel: desenhos, guaches, aquarelas, gravuras, cenários e figurinos. Para cada década há um painel com projetos exemplares da época correspondente.

O artista utilizou tecidos como suporte para pintura. Foi sua experiência com suportes flexíveis. Essas pinturas-estandartes flutuam no espaço de música do Paço, acompanhadas de gravações de Schubert, Brahms, Mahler, Wagner e Beethoven, compositores da preferência de Burle Marx.

As quatro galerias do segundo pavimento são dedicadas à sua obra

paisagística, com desenhos, guaches e fotografias, começando pelos grandes projetos públicos realizados no Rio de Janeiro, sua terra “adotiva”: Ministério da Educação e Saúde, de 1938, o imenso Parque do Flamengo, de 1961, e a calçada e jardins da Avenida Atlântica, de 1970.

Em seguida, estão os projetos públicos de outras regiões, como os jardins da Pampulha, o Parque do Ibirapuera, os Jardins da Unesco, o Parque Del Este, em Caracas, e a Biscayne Boulevard, em Miami.

O paisagismo para residências mostra como Burle Marx transpôs “lógicas de organização da pintura contemporânea para paisagismo, e procurou refletir, ecoar e fazer uma transição com a natureza circundante”, avalia o curador, “ao incorporar os elementos do próprio microclima”. Em alguns casos, ele usa elevações da escola inglesa e manchas de cor se espalham em volumes de alturas diversas. Em outros, a geometria prevalece.

Uma vitrine agrupa maquetes de painéis, esculturas, equipamentos públicos e suportes de plantas de formas, cores materiais e elementos diferentes, que exemplificam a diversidade da produção de

Burle Marx. Ainda nesta última sala, está a relação de gêneros e plantas descobertas por ele, ou cujos nomes prestam-lhe homenagem, e uma ilustração botânica da *Heliconia burle-marxii*, desenhada por sua grande amiga, Margaret Mee.

Dois filmes sobre o artista complementam a exposição.



Paço Imperial

Praça XV, 48 – Centro

Telefone: (21) 2533 4407

De 12 de dezembro de 2008

a 22 de março de 2009

Terça a domingo, das 12 às 18 horas

Entrada Franca

www.pacoimperial.com.br



Tapeçaria, 1980
Executada por Tecelagem Parahyba
Lã, 198 x 265 cm
Acervo: Sítio Roberto Burle Marx - IPHAN / MinC
Foto: Cesar Barreto



Mulher de Combinação Rosa, 1933
Óleo sobre tela, 101 x 71cm
Acervo: Sítio Roberto Burle Marx - IPHAN/MinC
Foto: Cesar Barreto



Sem título, 1941
Óleo sobre tela, 100 x 61 cm
Acervo: Coleção Roberto Marinho
Foto: Cristina Isidoro

Belas Artes, no Rio, com Cândido Portinari, e com Degner Klemn, em Berlim, em 1928, quando começou a se interessar por plantas.

Lauro Cavalcanti ressalva, porém, que “seria enganoso considerar seu paisagismo simples transposição da pintura”. Nos anos 1930 e 1940, suas telas traziam figuras, enquanto o abstracionismo impregnava os projetos paisagísticos. Além disso, seus conceitos de teoria da pintura seriam inválidos sem o profundo conhecimento botânico das espécies. Reconhecido internacionalmente, em 1991, Burle Marx teve a primeira exposição dedicada ao paisagismo da história do Museu de Arte Moderna de Nova York.

O sítio Santo Antonio da Bica, em Guaratiba (RJ), lugar de plantio, pesquisa e experimentos com espécimes vegetais, residência de Burle Marx até o fim de sua vida, foi doada por ele ao estado. Hoje, a propriedade pertence ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), funciona como museu e reúne uma das mais importantes coleções de plantas tropicais do mundo, com cerca de 3.500 espécies brasileiras e de localidades como Indonésia e Havaí.

Burle Marx tinha preferência por projetos em grandes áreas, pela liberdade de escolha de opções e desenvolvimento de novas idéias que dessem qualidade de vida aos habitantes da cidade

grande. Segundo ele, o paisagismo deve atender a “uma necessidade estética que não é luxo

nem desperdício, mas necessidade absoluta da vida humana, sem o que a própria civilização perderia sua razão estética”.

Entre essas obras estão o City Centre Park, de Kuala Lumpur, Malásia, de 1993, sua última obra; Parque Del Este, em Caracas, Venezuela; Parque do Flamengo e Calçada da Atlântica no Rio de Janeiro; Parque do Ibirapuera e Jardim Botânico, em São Paulo; o Parque Zoobotânico, em Brasília; os Jardins da Pampulha; e o pioneiro Parque de Araxá, realizado nos anos 40.

E, ainda, os jardins da Unesco, em Paris; o Biscayne Boulevard, em Miami, em que criou áreas para circulação de pedestres e usou a flora tropical na constituição de campos abstratos de cor; os jardins do prédio do Centro Georges Pampidou, em Paris; o Jardim Memorial na Praça Rosa de Luxemburgo, em Berlim; o Jardim das Nações, em Viena (Áustria), e os jardins do edifício da Organização dos Estados Americanos (OEA), em Washington (EUA). ■